



Acta Scientiarum. Human and Social Sciences

ISSN: 1679-7361

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Lopes, Marcelo

Bem aventureados os 'pobres'; porque eles reinam (ao menos) no 'pentecostalismo'
Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, vol. 34, núm. 2, julio-diciembre, 2012, pp. 141-145
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307325404003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Bem aventurados os ‘pobres’; porque eles reinam (ao menos) no ‘pentecostalismo’

Marcelo Lopes

Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Bairro Martelos, 36036-330, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: montanhistsams@bol.com.br

RESUMO. O pentecostalismo é uma religião retroalimentada socialmente pelos estratos mais carentes da população: os pobres. Até aqui nada de novo, Mendonça e Mariano, por exemplo, já apontaram para essa realidade. Mas por que isso ocorre? Se há, quais são as afinidades eletivas entre pentecostalismo e pobreza? É nesse sentido que este ensaio se torna pertinente, pois procura lançar luz sobre algumas questões subjacentes a essa realidade. Para isso, tenta-se, por meio de duas abordagens, uma sociopolítica e outra teológica, correlacionar fenômenos, afinidades e características, com o fito muito mais de problematizar o assunto, de provocar o leitor e de aguçar sua curiosidade sobre a temática em tela, do que exalar respostas totalizantes.

Palavras-chave: pentecostalismo, pobreza, sociopolítica, teologia.

Blessed are the ‘poor’; because they reign (at least) in ‘pentecostalism’

ABSTRACT. Pentecostalism is a religion by the extracts more feedback from socially disadvantaged population: the poor. So far nothing new, Antonio Gouvêa Mendonça and Ricardo Mariano, for example, has pointed to this reality. But why is that? If so, what are the affinities between Pentecostalism and poverty? In this sense, this test becomes relevant, as it seeks to shed light on some issues underlying this reality. For this reason, attempts by means of two approaches, a socio-political and other theological correlate phenomena, characteristics and affinities with the aim of much questioning the subject and provoke the reader and whet his curiosity about the subject on screen than be entered totalizing answers.

Keywords: pentecostalism, poverty, socio-political, theology.

Introdução

A religião dos fracos, dominados e impotentes deve revelar as condições de onde brota. Por um lado, encontramos nela ‘o suspiro da criatura oprimida’. O seu discurso contém aquilo que está ausente no mundo real. Por outro lado, é um discurso em que a própria impotência se revela. Mas, em virtude das próprias condições da impotência, ele se apresenta invertido (ALVES, 1978, p. 44, grifo do autor).

Ao completar recentemente seus cem anos no Brasil, o pentecostalismo parece dar sinais de uma singular vitalidade dentre as várias vertentes do cristianismo que, ou estagnaram, ou demonstram um decréscimo mais ou menos expressivo, como foi o caso do catolicismo nos últimos censos. De todo modo, o pentecostalismo ainda suscita debates interessantes sob variados enfoques, o político, por exemplo, que, dada sua crescente representatividade, bem como seus posicionamentos polêmicos diante de assuntos referentes às questões de ‘flexibilização da moralidade tradicional’, através da legislatura da bancada evangélica, tem sido objeto de estudos acadêmicos bastante prolíferos.

Outro enfoque já bem conhecido é o da sociologia da religião, que aborda o impacto do movimento pentecostal no campo religioso brasileiro, mormente aquele que versa sobre seu viés universalista. Dentre tais estudos, pode-se citar *Religião como solvente uma aula* (PIERUCCI, 2006), de Antônio Flávio Pierucci, e *Entre sincretismos ‘guerras santas’, dinâmicas e linha de força do campo religioso* (CAMURÇA, 2009), de Marcelo Camurça, por exemplo.

Nesse sentido, e aproveitando o ensejo da epígrafe supramencionada, é interessante não só sublinhar as condições de onde brotou o pentecostalismo historicamente falando, mas também, e, sobretudo, investigar o(s) porquê(s), ainda hoje,

[...] embora as igrejas pentecostais mais antigas sejam compostas por elementos já relativamente independentes e até de estratos burgueses, ‘a sua constante realimentação é feita pelos estratos periféricos da população’, principalmente urbano industriais (MENDONÇA, 2008, p. 68).

À esse questionamento baseado nos estudos de Antonio Gouvêa de Mendonça, corrobora a

intrigante constatação de Ricardo Mariano, quando desvela que,

[...] depois de um século de presença no país, o pentecostalismo prossegue crescendo majoritariamente na base da pirâmide social, isto é, 'na pobreza'. Embora contenha um contingente de classe média, 'recruta a maioria de seus adeptos entre os pobres' das periferias urbanas (MARIANO, 2010, p. 6, grifo nosso).

É deveras prudente salientar, de início, em relação ao propósito deste esforço heurístico, que não há pretensão alguma de esgotar o assunto neste breve ensaio, muito menos de encontrar respostas totalizantes, reducionistas ou monolíticas para um objeto de pesquisa profundamente complexo e que, por isso mesmo, requer uma abordagem multidisciplinar bastante profunda.

Ao contrário e para além de um posicionamento ufanista, pretende-se muito mais lançar questionamentos e dúvidas a partir de uma abordagem panorâmica e transversal, cujo fito é o de problematizar o tema e provocar o leitor a refletir sobre uma possível 'afinidade eletiva', no jargão weberiano, entre pentecostalismo e pobreza no Brasil.

Para alcançarmos esse escopo, tentaremos duas aproximações: uma sociopolítica, com uma ótica exógena, e a outra, teológica, buscando identificar um *habitus* ou estruturas de plausibilidade que dêem, de um modo ou de outro, alguma legitimidade à pobreza peculiar à retroalimentação social do pentecostalismo.

Tentativa de uma correlação sociopolítica

Parece ser amplamente difundido que o contexto histórico-social de nascimento e de expansão do pentecostalismo, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, foi de pobreza. No tempo presente, no entanto, e, sobretudo no Brasil, onde nas últimas décadas houve um crescimento econômico expressivo, pensou-se que a pecha de país pobre e subdesenvolvido seria superada. Mas, tratando-se do *ethos* político brasileiro (RDH, 2012), como era de se esperar, o paradoxo entre a macroeconomia estável e crescente, em contraposição a um quadro de desenvolvimento social deficitário em diversos aspectos e muito aquém se comparado ao econômico, tem se cristalizado, ao menos por enquanto.

No Brasil, evidente, tal crescimento econômico não foi revertido necessariamente em distribuição de renda e, por conta disso, o índice de desenvolvimento humano pouco se modificou (BRASIL OCUPA 84^a POSIÇÃO..., 2012). Isso não quer dizer que economicamente nossa sociedade permaneceu estática. Nas últimas décadas houve

modificações até certo ponto significativas, mormente com a estabilidade da moeda e com a decorrente criação de empregos, que propiciaram aos estratos mais carentes da população algum tipo de refrigerio.

Pois bem: o que isso tem a ver com religião? Ou mais especificamente com o pentecostalismo? Tudo. Se há de fato essa dicotomia social, podemos inferir que, de um lado, estão os ricos e, do outro,

[...] estão os mais pobres. E que foram completamente alijados dos resultados positivos do processo de modernização da sociedade brasileira, modernização que também significa a incorporação de ganhos materiais e simbólicos para a vida cotidiana. O processo político recente criou mecanismos muito claros para manter a maioria pobre longe desses benefícios – pelo menos em termos relativos. Tal situação levou o pobre a criar uma espécie de sociabilidade que guardava implícita de que ele estava fora deste mundo, deste mundo moderno. Muitas das regras que funcionavam para uma parte da sociedade não funcionavam para ele. Enquanto para aquele grupo da sociedade pós-ética têm-se a idéia do 'vale tudo', para a maioria marginalizada tem-se a idéia do 'salve-se quem puder' (PRANDI, 1992, p. 84, grifos do autor).

A partir da leitura dessa realidade, várias tentativas de compreender a referida imbricação entre pentecostalismo e pobreza foram levadas a cabo. A marxista, por exemplo, foi uma dessas. No entanto, parece que se enganaram aqueles que viram

[...] no pentecostalismo e na 'religião dos oprimidos' os 'sinais revolucionários' de um sentimento que, embora débil, indicava que 'os pobres' estavam se despertando para a chegada da revolução (CAMPOS, 1997, p. 35, grifos do autor).

Porém,

[...] esta última não ocorreu, e é bem certo que o pentecostalismo é 'algo mais que o ópio'. Portanto, reduzi-lo somente a uma questão de luta de classes pode ser uma opção metodológica, empobrecedora da religião dos pobres (CAMPOS, 1997, p. 40, grifo do autor).

Nesse sentido, alinhamo-nos com Cecília Loreto Mariz, quando se “[...] recusa a aceitar que a alienação seja o fator preponderante na relação do pentecostalismo com a pobreza” (apud CAMPOS, 1997, p. 40). Mas, ainda assim, a questão permanece.

Do ponto de vista ideológico, parece que o viés revolucionário da extrema esquerda não conseguiu amalgamar o pentecostalismo. Na verdade, Maria das Dores Campos Machado retrata a posição política da bancada evangélica, cuja representação pentecostal é bem significativa, como direitista, mormente no que tange à ética sexual (MACHADO, 2007).

Não obstante, aquelas questões fundamentais para o desenvolvimento social da nação parecem não ser prioritárias na ‘política’ (?) evangélica e pentecostal, perfazendo, quiçá, as ‘demais coisas’ a serem acrescentadas, talvez efeito de uma cosmovisão resignada, na qual o mundo jaz mesmo é no maligno e, por isso, já que já está condenado mesmo, por que labutar, ‘em vão’, por sua absolvição. Esse paradoxo já foi ressaltado por Prandi, quando afirmou que

[...] nenhuma dessas religiões se propõe a transformar o mundo. O pentecostalismo de cura divina, muito diferente de sua matriz original protestante desencantada, repõe a importância da magia, e requer a transformação moral do indivíduo isolado no interior da comunidade religiosa, em que ele vigia e é vigiado (PRANDI, 1992, p. 90).

Nesse sentido, não se pode deixar de remeter ao trocadilho em analogia com o texto bíblico, pois parece que ‘a direita pentecostal’ está, desde muito, ‘ressequida’. Poderá ocorrer um milagre? Quem sabe! A propósito disso, Alencar faz uma pergunta emblemática em seu livro *Protestantismo tupiniquim*:

A pergunta é: a igreja protestante [pentecostal] brasileira alterou a cultura brasileira ou foi alterada por ela? Assimilou ou foi assimilada? Modificou o *ethos* brasileiro ou adaptou-se ao ‘jeitinho’? (ALENCAR, 2006, p. 13).

Mas, para além de estigmatizações e de caricaturizações religiosas, talvez Rubem Alves tenha razão ao afirmar que

[...] não somos livres para pensar livremente. O poder determina os limites do pensamento possível. Se existe alienação é preciso entender que ela não se desfaz por meio de uma mera assepsia mental. Por que certos grupos são forçados a pensar desta forma? É altamente provável que tal pensamento religioso seja uma decorrência de sua impotência real. A religião não é a causa da alienação política. O inverso é verdadeiro: é a alienação política que é a causa deste tipo de religião (ALVES, 1978, p. 44).

Sob essa ótica, é plenamente possível compreender o tipo de politização a que vem sendo submetido tanto o pentecostalismo quanto o neopentecostalismo nas últimas décadas. Nesse viés, Pierucci já prenunciara algumas incongruências do nicho político evangélico-pentecostal (MARIANO; PIERUCCI, 1992) e, até certo ponto, parece que ‘o poder’ a que se refere Rubem Alves não pôde prescindir desse eleitorado e, ao invés de ignorá-lo, vislumbrou nele uma grande massa que poderia ser-lhe útil do ponto de vista político. Por outro lado, essa ‘politização alienada e alienante’, se é que isso existe,

[...] revela, de forma simbólica, uma negação do real. Revela mais as ausências concretas que certos grupos sociais estão sentindo no real. E a inspeção deste discurso indicará que, talvez, as ausências que os fracos e oprimidos sentem são distintas daquelas que as camadas intelectuais e acadêmicas identificam. E isto aponta para linhas de possível ação política: as massas nunca se organizarão de acordo com o sofrimento dos intelectuais, mas sempre de acordo com seu próprio sofrimento (ALVES, 1978, p. 45).

De todo modo, o que está patente é que o pentecostalismo não está mais alienado, pelo menos não naquele sentido *strictu* do termo marxista. Ao contrário, está cada vez mais politizado e ‘influente’ (?) no cenário político nacional. Mas, muito embora essa afirmativa seja verídica, o é também a constatação da manutenção de seu *status quo* de religião dos pobres. Por que será?

Por fim, sem nos atermos ao seu papel (dis)funcional, a política pentecostal, aliás, talvez o melhor termo fosse o pentecostalismo na política, parece perpetuar seu nicho outrora já profetizado de que “[...] os pobres sempre os tendes convosco” (BÍBLIA, 1994, João 12.8). Nesse sentido, justiça social não é, hermeneuticamente falando, uma ‘virtude’ do pentecostalismo. Nesse quesito, parecem olvidar as Escrituras que tanto prezam (?) ou não está escrito peremptoriamente: “Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, peca” (BÍBLIA, 1994, Tiago 4.17).

Tentativa de uma correlação teológica

Sem entrar no mérito se o protestantismo é ou não um componente alienígena à cultura brasileira, podemos, no entanto, arrazoar um pouco mais sobre essa proposição. É mais ou menos um consenso acadêmico a dificuldade histórica que o protestantismo teve de adaptar-se à cultura brasileira,

[...] isto se deveu, em grande parte, à refração cultural sofrida pelas versões norte-americanas do Protestantismo aqui implantadas, que não foram capazes de assumir, plenamente, os valores e as formas culturais próprias do ethos cultural-religioso brasileiro (DIAS, 2008, s/p.).

Porém “[...] a crescente pentecostalização das comunidades protestantes de classe média, presbiterianas, metodistas, batistas e outras [...]” (CAMPOS, 1997, p. 39), talvez seja um indício de possíveis mudanças causadas pelo ‘sopro do Espírito’ no subcampo protestante brasileiro.

Nesse sentido, Machado (2007) aventou a relação entre magia e ética no pentecostalismo brasileiro e, em sua reflexão, ficou patente que o pensamento mágico foi um dos trunfos deste último em relação ao protestantismo notadamente mais

racionalizante, no processo de inserção no campo religioso brasileiro. Contudo, há algo mais que pode ser aventado, por exemplo: seria bem improvável que ‘os pobres’ se sentissem à vontade em meio ao *ethos* protestante tradicional: racionalizante, litúrgico, de classe média e, de um modo ou de outro, soteriologicamente calvinista¹.

Assim, como se poderia justificar a doutrina da ‘eleição’ em meio à pobreza extrema? Ou mais além: seria possível legitimar a pobreza através da teologia da ‘predestinação’? Ora, nesse sentido, é bem compreensível que o pentecostalismo, arminiano em sua esmagadora maioria, fosse muito mais atraente para as massas como foi o caso da Assembléia de Deus do Brasil, por exemplo, que, também em virtude de se utilizar do substrato mágico pertinente à cultura brasileira, acabou por reafirmar a tese de Mendonça, segundo a qual

[...] a matriz teológica do pentecostalismo é o protestantismo tradicional na sua expressão não clerical. Assim, a mensagem missionária, portadora de uma teologia simples e facilmente assimilável como a da Era Metodista, constitui a base sobre a qual o movimento pentecostal ergueu seu próprio arcabouço sincrético em que estão presentes antigos traços históricos da igreja cristã, elementos do catolicismo popular e dos cultos afro-brasileiros (MENDONÇA, 1986, p. 115).

Não obstante concordarmos com Niebuhr (1992) quando expõe o ‘fracasso ético da igreja dividida’, é preciso reconhecer que o pentecostalismo, para além de constituir apenas a religião dos deserdados nos termos niebuhrianos, possibilitou aos pobres ocupar um lugar naquele que deveria ser-lhes próprio por decreto divino. Ou não está escrito: “Bem aventureados vós, ‘os pobres’, porque vosso é o reino de Deus”? (BÍBLIA, 1994, Lucas 6.20b, grifo nosso). Bem, talvez o seja, ao menos no pentecostalismo. Quem sabe?

A propósito da questão arminiana, o pentecostalismo diferencia-se do protestantismo histórico também no sentido de ser ‘de conversão’, e não de nascimento, o que habilita seus fiéis a perspectivar, de algum modo, certa autonomia para a construção de seu próprio destino, em contraposição à lógica predestinação no sentido amplo do termo.

Embora tal autonomia proporcione certo progresso (prosperidade?) econômico, porque o *ethos* pentecostal enseja uma moral ascética e frugal, a realidade social dos pentecostais não parece ter sofrido alterações significativas. Ao contrário, ao longo de seus cem anos no Brasil, o pentecostalismo

bem mostrou como uma determinada forma religiosa, que se quer universalista e transformadora da realidade, como é o caso do cristianismo, pode rapidamente estabelecer concessões de seu ideal em prol de uma ordem estabelecida socialmente injusta, cujo *modus operandi* difere diametralmente daquela fraternidade proposta por Jesus, o profeta fundador do cristianismo, o qual os pentecostais evocam como senhor e mestre.

Um outro fator relacionado à teologia pentecostal a ser aventado é que, somente na última geração, o pentecostalismo começou a se preocupar com a educação formal de seus adeptos e, a partir da última década, a incentivar a formação teológica regular de seus ministros. Nesse sentido, mas sem nos desviarmos totalmente do tema, é necessário evocar fundamentos educacionais, pois

[...] o conhecimento, como afirma Gadotti, em si mesmo, não é libertador, o será se estiver associado a um compromisso político em favor dos excluídos. Ele é uma ferramenta essencial para intervir no mundo (GOHN, 2009, p. 22).

Talvez a atual postura política do pentecostalismo seja resultado, também, daquele pensamento retrógrado em relação à educação, fruto de uma hermenêutica pobre que atrofava o adágio: ‘a letra mata, mas o espírito vivifica’. Essa primavera educacional pentecostal² contemporânea, contudo, parece apontar para um promissor horizonte de mudanças, quiçá algum engajamento sociopolítico revolucionário.

De todo modo, e para terminar esta pequena digressão, é preciso apontar que a formação regular dos fiéis e a formação teológica e regular dos ministros talvez culminem em uma forma de conscientização e, como afirmou Freire:

A conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. A conscientização supõe. (sic!) Por sua vez, o superar a falsa consciência, quer dizer, o estado de consciência semi-intransitivo ou transitivo ingênuo, e uma melhor inserção crítica da pessoas (sic!) conscientizada numa realidade desmitificada (FREIRE apud GOHN, 2009, p. 22).

Assim, a perspectivação de um pentecostalismo sociopoliticamente engajado, parece sair do campo

¹Termo usado aqui no sentido da doutrina soteriológica da predestinação ou dupla predestinação, que é afeta a presbiterianos, congregacionais, reformados em geral, alguns metodistas e, em certo sentido, aos luteranos também.

²Um exemplo paradigmático dessa ‘primavera educacional pentecostal’ é a Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil, que conta com dois cursos de graduação: teologia e pedagogia; integralização em teologia, e dois cursos de especialização: administração eclesiástica e história de Israel. E, a partir do segundo semestre de 2012, contará com mais dois cursos de especialização: Ciência da Religião e história da Igreja (<http://www.faecad.com.br/>).

utópico para adquirir objetivação a médio e a longo prazo. Quem sabe se daqui a cinquenta anos a pecha de religião dos pobres seja incompatível, isso se Freire tiver razão quando diz que a conscientização é um compromisso histórico. Bem, isso só o tempo dirá!

Considerações finais

As contingências da recentíssima ‘primavera educacional pentecostal’ de forma alguma esmaecem o histórico de pobreza pertinente à sua retroalimentação socioeconômica, muito menos da conjuntura de pobreza e de desigualdade social, fruto de nossa história e da política brasileira.

Um olhar superficial talvez possa supor uma relação de causa e efeito entre o pentecostalismo e a pobreza. Contudo, um outro olhar um pouco mais acurado e atento deve inferir que, na verdade, ambos são faces da mesma moeda: o pentecostalismo nasceu, como diria Niebhur, com os deserdados, perfazendo a religião dos pobres, e ‘o Brasil é um país de pobres’, apesar de toda sua riqueza. Assim, seria ‘natural’ que o pentecostalismo crescesse nos extratos mais baixos.

Entretanto, esse silogismo é bem mais complexo do que pode parecer à primeira vista, pois, após termos lançado luz sobre vários aspectos sociopolíticos e teológicos, ainda não nos parecem muito claras todas as nuances que envolvem essa relação. Não obstante, procuramos alçar tais questões justamente com o fito de problematizar, aguçar e, quem sabe, ensejar novas pesquisas que aprofundem a temática. E, caso consigamos estimular o leitor e aguçar sua percepção nesse sentido, ótimo, alcançamos o objetivo deste ensaio.

Portanto, seria de bom termo parar por aqui, mas algo ainda nos intriga: ora, se os pobres são bem-aventurados, então...!

Referências

ALENCAR, G. **Protestantismo tupiniquim**: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2006.

ALVES, R. Religião e enfermidade. In: REGIS DE MORAIS, J. F. (Org.). **A construção social da enfermidade**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1978. p. 27-47.

BÍBLIA. **Tradução Ecumônica**. Tradução: L. J. Baraúna et al. São Paulo: Loyola, 1994.

BRASIL OCUPA 84^a POSIÇÃO entre 187 países no IDH 2011. Estudo de qualidade de vida voltou a mudar de metodologia neste ano. Segundo cálculo atualizado, país melhorou 1 posição desde o ano passado. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/brasil-ocupa-84-posicao-entre-187-paises-no-idh-2011.html>>. Acesso em: 30 maio 2012.

CAMPOS, L. S. As origens americanas do pentecostalismo brasileiro. **Revista USP**, n. 67, p. 100-115, 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/08-campos.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

CAMPOS, L. S. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

CAMURÇA, M. Entre sincretismos ‘guerras santas’, dinâmicas e linha de força do campo religioso. **Revista USP**, n. 81, p. 173-185, 2009.

DIAS, Z. Ma. A larva e a borboleta (Notas sobre as [im]possibilidades do Protestantismo no interior da cultura brasileira). **Tempo e Presença Digital**, v. 2, n. 6, jan., 2008. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=116&cod_boletim=7&tpo=Artigo>. Acesso em: 19 nov. 2012.

GOHN, M. G. Paulo Freire e a formação de sujeitos sociopolíticos. **Cadernos de pesquisa: Pensamento Educacional**, v. 4, n. 8, p. 22, 2009. Disponível em: <http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq8/2_paulo_freire_cp8.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2012.

MACHADO, M. D. C. A magia e a ética no pentecostalismo brasileiro. **Estudos de Religião**, v. 15, n. 33, p. 12-26, 2007.

MARIANO, R. Pentecostalismo no Brasil. Cem anos. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, v. 10, n. 329, p. 5-7, 2010.

MARIANO, R.; PIERUCCI, A. F. O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 34, p. 92-106, 1992.

MENDONÇA, A. G. Hipóteses sobre a mentalidade popular protestante no Brasil. **Estudos de Religião**, v. 1, n. 3, p. 115-123, 1986.

MENDONÇA, A. G. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. 2. ed. São Bernardo do Campo: Umesp, 2008.

NIEBUHR, H. R. **As origens sociais das denominações cristãs**. São Paulo: ASTE - Ciências da Religião, 1992.

PIERUCCI, A. F. A religião como solvente: uma aula. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 75, p. 111-127, 2006.

PRANDI, R. Perto da magia, longe da política. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 34, p. 81-91, 1992.

RDH-Relatório de Desenvolvimento Humano 2009/2010, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/reports/national/latinamerica/the-caribbean/brazil/NHDR-Brazil-2009-10-BR.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2012.

Received on September 17, 2012.

Accepted on October 20, 2012.